

ENTRE UM PONTO E OUTRO, O QUE HÁ DE GEOGRAFIA? O CAMINHO DOS ESTUDANTES NA COMUNIDADE RIBEIRINHA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA E AS MUDANÇAS NOS PERÍODOS DE CHEIA E VAZANTE

Bianca da Silva Doza

Graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Foi bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) e Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq). Mestranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/CNPq), na linha de pesquisa em Ensino de Geografia.

E-mail: bdoza99@gmail.com

Resumo: O presente texto apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado em Geografia que está em andamento. Nessa produção, destaco meus registros do caminho dos estudantes e as mudanças no período de cheia e vazante. Para isso, recorre à fotografia e à descrição a fim de alcançar o objetivo de registrar o caminho dos estudantes da escola ribeirinha e as mudanças ocorridas nos períodos de cheia e vazante. Para isso, entre junho e setembro, realizei campos na Escola Municipal José Sobreira do Nascimento, na Comunidade Nossa Senhora de Fátima. Com isso, pretendo dialogar com professores e/ou pesquisadores da área urbana e, assim, incluir lugares não vividos por nós na criação e circulação de ideias.

Palavras-chaves: Escola Ribeirinha; Fotografia; Descrição; Paisagem; Seca.

Resumen: Este texto presenta parte de los resultados de una investigación de maestría en progreso. En esta producción, destaco mis registros de la ruta del estudiante y los cambios en el período completo y reflexivo. Para esto, recurre a la fotografía y la descripción para lograr el objetivo de registrar el camino de los estudiantes de la Escuela Riverside y los cambios que ocurrieron durante los períodos de inundación y reflujó. Para esto, entre junio y septiembre, realicé Campos en la Escuela Municipal José Sobreira do Nascimento, en la comunidad Nossa Senhora de Fátima. Con esto, tengo la intención de dialogar con maestros urbanos y/o investigadores y, por lo tanto, incluir lugares que no vivimos en la creación y circulación de ideas.

Palabras claves: Escuela de Riverside; Fotografía; Descripción; Paisaje; Seco.

INTRODUÇÃO

O presente texto apresenta os registros fotográficos e textuais dos campos realizados entre junho e setembro durante a pesquisa de mestrado em Geografia. A temática da investigação é o caminho dos estudantes das escolas ribeirinhas.

Neste texto, meu objetivo foi registrar o caminho dos estudantes da escola ribeirinha José Sobreira do Nascimento e as mudanças ocorridas nos períodos de cheia e vazante. Para isso, os procedimentos teóricos pautam-se na realização de um questionário, registros fotográficos e anotações de campo.

A interpretação desse material possui como principais referenciais teóricos Nestor André Kaercher (no prelo), por Élvio Martins (2007) e Eric Dardel (2011). O primeiro apresenta uma geografia feita na existência a partir dos caminhos cotidianos (no caso do autor, a ida à casa dos filhos). Élvio Martins (2007), de forma semelhante, demonstra as possibilidades da geografia enquanto experiência existencial. Por fim, inspiro-me ainda nas descrições de Eric Dardel (2011) acerca da paisagem.

Para a compreensão do leitor, divido esse texto em duas partes. A primeira refere-se a uma contextualização da comunidade, da escola e dos estudantes. Após situar o leitor acerca do meu ponto de chegada, apresento o meu caminho, sendo também o trajeto de outros agentes.

Como contribuição, pretende-se sistematizar e divulgar as repercussões dos fenômenos climáticos e alcançar pessoas que não vivem nesses lugares, como professores, pesquisadores e cidadãos da área urbana. Assim, os lugares não vividos por algum dos leitores pode ser incluída na criação e circulação de ideias.

A INDISSOCIABILIDADE ENTRE O LUGAR E AS PESSOAS: A COMUNIDADE, A ESCOLA E OS ESTUDANTES

Durante a realização da pesquisa, deparei-me com uma obviedade: não se pode conhecer o lugar sem conhecer as pessoas! Tal afirmação é cara à Geografia, uma vez que um dos seus principais expoentes, Paul Vidal de La Blache, afirmou ser uma ciência do lugar e não das pessoas.

Apesar da discordância geral diante dessa afirmação, ainda encontramos dificuldades para executar pesquisas que não se limitem a um registro fotográfico e um compilado de dados secundários, estéril de conversa

baseada no tempo cronológico, afinal não é um território centenário. A própria cidade de Manaus, por exemplo, possui mais de 300 anos.

Segundo Gilmara Teles (2017), foi quem iniciou a construção da comunidade. Tal empreitada se deu após sua expulsão da “cidade flutuante” em Manaus, ocupação de casas sobre o rio que foram retiradas devido às condições de saneamento básico e, principalmente, a má estética que causava a cidade.

Na confluência entre o igarapé do Tarumã-Mirim e o Rio Negro, avistaram as terras de José Sobreira do Nascimento, homenageado na denominação da escola (Teles, 2017).

Inicialmente, a comunidade se chamaria São José para homenagear o igarapé das redondezas. Contudo, José Sobreira do Nascimento solicitou que o nome fosse Nossa Senhora de Fátima, pois era católico e devoto da santa (Teles, 2017).

Após dois anos ocupando o local, Nelson e seu filho Romildo buscam criar uma comunidade para ter acesso à educação, religião e esporte sem precisar ir à área urbana de Manaus. Apesar da resistência inicial, José Sobreira do Nascimento autoriza Nelson Gonçalves e seu filho a delimitar os lotes, cadastrar as famílias e distribuir as terras (Teles, 2017).

No que se refere à educação, interesse desse texto, destaco o ensino formal realizado na Escola Municipal José Sobreira do Nascimento (Figura 2).

Figura 2 - Escola Municipal José Sobreira do Nascimento, Comunidade Nossa Senhora de Fátima, Manaus-AM.



Fonte: Acervo pessoal, 25/08/2021.

Ao sair do porto flutuantes, logo é possível avistar uma larga construção de concreto, com uma grande quadra coberta anexada ao lado direito. Ao fundo, destacam-se o rio Tarumã-Mirim, o porto flutuante, postes de eletricidade e um veículo. Na comunidade, é possível acessar serviços de transporte de carro, moto e até van (kombi), uma vez que as casas são distantes.

Em seu interior, há 12 salas, Centro de Tecnologias Educacionais (CTE), Sala de Recursos e Biblioteca. Além disso, no turno noturno a escola é a sede do ensino médio televisionado proporcionado pela Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar (SEDUC).

Figura 3 - Interior da Escola Municipal José Sobreira do Nascimento.



Fonte: Acervo pessoal, 25/06/2024.

De forma geral, a escola possui uma boa estrutura com diversos ambientes educacionais (sala de aula, telecentro, sala de recursos). Sua magnitude se deve também ao quantitativo de estudantes, 276, sendo a maior escola em número de alunos de toda Zona Ribeirinha (SEMED, Acesso em 01 de novembro de 2023).

Desse total, foi possível desenvolver a pesquisa numa turma de 21 estudantes. No que se refere ao gênero, a turma é composta por 10 meninos e 11 meninas, sendo dois desses meninos diagnosticados com espectro autista. A faixa etária dos estudantes possui a seguinte distribuição:

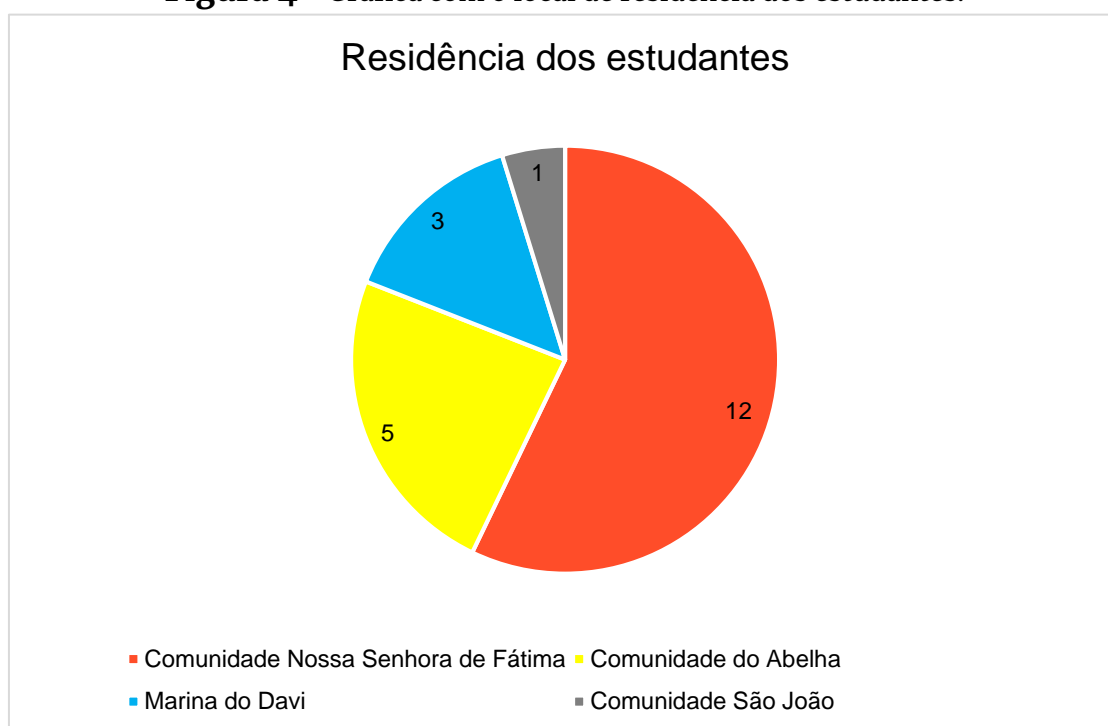
Tabela 1 - Idade dos estudantes da turma 7º A.

Nº de aluno	Idade
1	15
4	13
8	12
8	Desconhecida

Fonte: 7º A (informação); autora (organização).

Apesar da escola se localizar na Comunidade Nossa Senhora de Fátima, o local da residência dos estudantes varia. Na turma 7º A, os alunos residem nas seguintes comunidades:

Figura 4 - Gráfica com o local de residência dos estudantes.



Fonte: 7º A (informações do questionário); autora (elaboração).

A partir da figura 4, nota-se que a escola é um lugar de encontro entre diferentes comunidades. Limitar-se ao vasto meio que a circunda não contemplaria o espaço vivido de cerca da metade dos estudantes (9), pois apenas 12 moram no local.

A escola, nesse caso, é uma localidade central, atraindo pessoas e recursos de lugares diversos, cuja permanência e ação tornam aquele lugar único. Na Comunidade Nossa Senhora de Fátima, não há instituição religiosa ou comercial que exerça tal papel nessa intensidade.

Por se tratar de uma comunidade ribeirinha, pode-se considerá-la como “isolada”, com um funcionamento autônomo voltando para os moradores locais. Contudo, cerca da metade da turma é da comunidade. Apesar de características típicas ao meio rural (longas distâncias entre as casas) e ao ribeirinho em particular (o rio como via principal), existem conexões que possibilitam a circulação entre diferentes comunidades.

Para efetivar essas conexões, destaco nesse texto o caminho não só como substantivo, mas principalmente verbo (ação, portanto). Em seu percurso, para além de pontos ligados por linhas, há pessoas e paisagens em constante mudança.

Para apreender esse caminho e apresentá-lo ao leitor, recorri ao registro fotográfico e textual apresentado a seguir. Como principal fator de mudança, destaco a dinâmica de cheia e vazante.

REGISTRO DOS CAMINHO DOS ESTUDANTES

Meu ponto de partida foi o Porto Flutuante Marina do Davi, administrado pela Cooperativa dos Profissionais de Transporte Fluvial da Marina do Davi (ACAMDAF). Localiza-se no bairro Ponto Negra, zona Oeste de Manaus.

Figura 5 – Porto Fluvial Marina do Davi.



Fonte: Acervo pessoal (18/07/2024).

Uma vez no local, aguardo a lancha. Seu ritmo é influenciado pela dinâmica de cheia-vazante do rio, bem como o fluxo de turista. O primeiro se refere à subida do rio entre outubro e março, contrastando com a redução dos níveis das águas entre abril e setembro.

No segundo caso, um maior fluxo de turistas garante viagens mais frequentes. Essa rapidez diante da demanda do turismo beneficiou-me entre junho e julho. No final de julho e início de agosto, com o rio secando, dei-me conta da demora.

Dentre os passageiros, é possível observar as diferenças entre turistas e moradores. Os primeiros geralmente mostram parte do traje de banho, levam consigo grandes bolsas de lado, caixa térmica e até aparelhos de som.

Os moradores, por sua vez, carregam diversas sacolas estampadas com as grandes redes de supermercados da cidade, sacos de juta e caixas de madeira e papelão. Nessas bagagens, levam os mais diversos produtos: flocos de milho (para fazer cuscuz), abacaxi, maxixe, maracujá, cenoura, pepino, tomate, feijão, óleo.

Além dos alimentos, alguns arriscam transportar eletrodoméstico. No dia 30 de julho, um dos passageiros transportou uma televisão de LED cuja dimensão ocupou duas cadeiras da lancha.

Feito o embarque das pessoas e das coisas, a primeira parada é a Praia da Lua, onde descem a maioria dos turistas (Figura 6). Cerca de 10-15 minutos, chegamos na Comunidade Nossa Senhora de Fátima (Figura 7):

Figura 6 – Praia da Lua, Manaus-AM.



Fonte: Acervo pessoal (08/08/2024)

Figura 7 – Comunidade Nossa Senhora de Fátima, Manaus-AM.



Fonte: Acervo pessoal (18/07/2024).

Nesse caminho, destaco a floresta e o rio. Eric Dardel (2011, 19 p.), ao se referir à floresta amazônica, destaca seu mistério, cujo silêncio torna assustador o mais doce canto dos pássaros. Ao adentrar os furos durante as viagens de lancha, o igapó me desorienta.

Como uma boa geógrafa, sei que estou no município de Manaus. Contudo, se a lancha parasse ali, eu não saberia voltar para casa e, diante da ausência de um chão e de casas, morreria em algumas horas.

Essa breve descrição já mostra a indissociabilidade com o segundo elemento: o rio. Ao falar do espaço aquático, Eric Dardel (2011, 19-23 p.) o remete à vida e à alegria, bem como um silêncio. Na água, esse silêncio é não só mistério das florestas, mas também a quietude do repouso.

Na Amazônia, a água também remete à vida dos que vivem nela (peixes), sobre ela (flutuantes) ou à sua margem (comunidades indígenas e ribeirinhas). De longe, a primeira observação é a escuridão funéria do rio, resultado de cadáveres de plantas e animais.

Essa aparente contradição com a vida logo é dissipada no primeiro mergulho, pois o rio nos envolve num abraço caloroso, um aconchego de quem absorve e retém o calor. Nessa vastidão escura, o espelho é suscinto ao revelar a paisagem.

No rio, refletem-se apenas as formas, deixando as cores e texturas à encargo da imaginação dos que o percorrem. Apesar de acolhedor, esse percurso exige uma luta contra a distância.

Diante da escassez de estradas e ausência de conurbação entre os municípios (mesmo os da região metropolitana), os tempos são lentos e os espaços longos. Vencida essa distância, chego na escola.

Uma vez nesse lugar, deparo-me com o caminho dos estudantes. Ao registrar o trajeto dos alunos, foi possível notar algumas mudanças da cheia e da vazante num curto intervalo de tempo.

Figura 8 - Desembarque de um estudante da Escola Municipal José Sobreira do Nascimento



Fonte: Acervo pessoal (25/06/2024).

Figura 9 - Desembarque de um estudante da Escola Municipal José Sobreira do Nascimento.



Fonte: Acervo pessoal (30/07/2024).

Com esses registros (Figuras 8 e 9), quero salientar dois aspectos da paisagem. O primeiro são os sítios suntuoso, cerca de cinco nesse trajeto, sendo um deles residência da estudante 18.

Numa das interações com a turma, ao localizar a residência dos estudantes no Google Earth, a residência da estudante 18 provocou aplausos e parabenizações. A estudante, no entanto, não esboçou reação.

Posteriormente, referi-me à residência da estudante (ausente naquele dia para confirmar a localização “da casa da aluna 18”). Ao fundo do Centro de Tecnologias Educacionais, escuto, em cochichos, “mas nem é dela”.

Essa relação com a terra (ou a privação) era desconhecida por mim até o momento. Antes do campo, imaginava um trabalho familiar baseado na pesca e no plantio.

A explicação estava numa conversa despreziosa com a professora de ciências: a maioria dos estudantes são filhos de caseiros. Trata-se de profissionais que cuidam de sítios, lanchas e iates de outras pessoas.

Por conta disso, o caminho dos estudantes passa por portos privativos, com grandes construções ao fundo (algumas escondidas), palmeiras exóticas enfeitando a faixa e placas de “proibido o desembarque sem autorização”.

No caminho dos professores, que eu também percorria para retornar à cidade e por isso registrei de forma mais prolongada, foi capturada a seguinte mudança (Figura 10):

Figura 10 - Professores indo em direção ao porto flutuante.



Fonte: Acervo pessoal (22/08/2024).

Figura 11 - Professores, estudantes e monitores em direção ao porto flutuante.



Fonte: Acervo pessoal (16/09/2024).

Ao utilizar a construção vermelha (um bar) à margem direita das fotografias 27 e 28 como referência, destaca-se não só o sumiço da embarcação, mas também do porto flutuante e do próprio rio. Conforme as datas, a figura 11 já marcava o início da vazante, chegando a níveis extremos após uma seca histórica no ano passado.

Para embarcar, foi necessário caminharmos cerca de 10 minutos, sendo apenas o último trecho sombreado (Figura 12):

Figura 12 - Caminho da comunidade escolar até a rabeta.



Fonte: Acervo pessoal (16/09/2024).

Nesse dia, o nosso caminho foi marcado por areia, lama e pontes improvisada, assim como barcos e flutuantes virados. Após percorrê-lo, embarcamos numa rabeta (cerca de seis pessoas por vez), pois o porto flutuante não se encontrava mais nas proximidades:

Figura 13 – Professores embarcando na rabeta

Fonte: Acervo pessoal, 16/09/2024.

Além das embarcações, é necessário ainda pessoas para empurrá-los. Na Figura 13, a condição em que o homem de blusa amarela se encontra o deixa exposto a pisar numa arraia (aviso que era dado por alguns passageiros a esse e outros trabalhadores).

Após essa viagem, desembarcamos no Porto Flutuante da Comunidade Nossa Senhora de Fátima (figura 14) para, finalmente, pegar uma lancha até o Porto Marina do Davi. Aos moradores, essa viagem adicional até o Porto Flutuante custava cerca de três reais.

Figura 14 - Porto Flutuante da Comunidade Nossa Senhora de Fátima.



Fonte: Acervo pessoal (16/09/2024).

Na Figura 14, é possível observar o Porto Flutuante da Comunidade Nossa Senhora de Fátima no meio do rio. No local, a lancha aguarda os professores enquanto um deles guia a rabeta com o remo.

Na Marina do Davi, último ponto aos que residem no porto e na cidade, encontramos as seguintes mudanças na paisagem:

Figura 15 - Porto Flutuante da Marina do Davi.



Fonte: Acervo pessoal (18/07/2024).

Figura 16 - Porto Flutuante da Marina do Davi.



Fonte: Acervo pessoal (16/07/2024).

Após uma frequência semanal nos campos, duas semanas sem ir foram o suficiente para mudar toda minha rota. Ao olhar essa paisagem, assustei-me, pois não sabia o caminho até o ponto de embarque.

Diante da minha impotência, aguardei as pessoas descerem na minha frente. Apesar de ser flutuante, não foi possível deslocar o porto, tornando-se uma estrutura provisoriamente abandonada.

Ao redor, o que antes era água, tornou-se um estacionamento arenoso. Onde antes havia lanchas, agora há carros empoeirados. Por conta disso, o desembarque exigia mais um trecho a pé:

Figura 17 - Trajeto após o desembarque no Porto Flutuante da Marina do Davi.



Fonte: Acervo pessoal (16/09/2024).

Apesar da limitação do enquadramento da foto, é possível visualizar os restos de madeira e o lixo que nos rodeavam. Conforme nos aproximávamos do rio, esses materiais serviam como base para não atolarmos. Felizmente, o dia estava ensolarado, pois em dias chuvosos o risco de queda torna a caminhada ainda mais desafiadora (conforme o relato de uma das professoras).

Com esses registros textuais e fotográficos, busquei relacionar o deslocamento dos estudantes com os períodos de cheia e vazante. Contudo, o desenrolar da pesquisa possibilitou que o caminho “deles” se tornasse “nosso”.

Evidentemente, a minha presença limitava-se a uma vez por semana, contando ainda com alguns imprevistos que tornaram os campos ainda mais esparsos. Contudo, a partir das relações criadas, foi possível prolongar o caminho e a permanência com os professores e alunos.

Nessa exposição, apesar do objetivo de chegar a um lugar, mostrei o que me rondava entre um ponto e outro: o caminho. Nele, enquanto processo ao invés de um fim, a geografia se mostra como uma possibilidade a compreensão de si e do mundo (Kaercher, no prelo).

A geografia a que Nestor Kaercher (no prelo) se refere é a que fazemos para existir, antecedente da sistematização escolar e universitária. Nesse sentido, a observação e a descrição fundam essa geografia cotidiana e vivida (Kaercher, no prelo).

Com isso, apresento-lhes a geografia enquanto categoria da existência, conforme Élvio Martins (2007). Segundo o autor, ela é formada por espaço, tempo, relação e movimento a partir da matéria (relação homem-meio e subjetivo-objetivo) e da ideia (Martins, 2007, 40 p.).

No cotidiano, a geografia nos conduz a partir do imperativo *onde* (pesquisar, estudar, morar, trabalhar, ser enterrado). Até aqui, apresentei os desdobramentos da questão “onde desenvolvi a pesquisa”. Vejamos a seguir as implicações do “ondeestudo” no cotidiano dos estudantes da escola ribeirinha José Sobreira do Nascimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No caminho dessa escrita, retornemos ao elemento que orienta minha divagação: o objetivo de registrar o caminho dos estudantes da escola ribeirinha José Sobreira do Nascimento e as mudanças ocorridas nos períodos de cheia e vazante.

Mesmo as limitações da fotografia, o estático em diferentes momentos permitiu visualizar as mudanças na paisagem e no caminho dos estudantes. Com isso, muda-se também a experiência com a duração do tempo e as distâncias percorridas, tornando o percurso mais demorado e longo.

Além disso, recorre-se a uma fragmentação do caminho enquanto estratégia. O porto flutuante, antes em frente à escola, é deslocado para o meio do rio e, para chegar até lá, faz-se o uso de embarcações menores.

Apesar da familiaridade com a dinâmica da cheia e vazante, nota-se a frequência de eventos extremos. Apesar de não abordar os marcadores quantitativos de pluviosidade e cota do Rio Negro, busquei mostrar as repercussões desses eventos numa localidade ainda se recuperando da seca histórica de 2023.

Tais repercussões podem ser banais aos que a vivem cotidianamente. Contudo, aos pesquisadores, o trabalho de gabinete pode converter-se numa ação estéril de sentido se não imaginarmos o lugar e as pessoas.

Diante disso, as fotografias e descrições apresentadas propõem dialogar com professores, pesquisadores e cidadãos citadinos (curioso que a própria palavra “cidadão” remete à cidade). Assim, será possível incluir lugares não vividos em suas análises e levá-las aonde os pés não alcançam.

REFERÊNCIAS

DARDEL, ERIC. O ESPAÇO GEOGRÁFICO. IN: DARDEL, ERIC. **O HOMEM E A TERRA: NATUREZA DA REALIDADE GEOGRÁFICA**. SÃO PAULO: PERSPECTIVA, 2011, 1-45 P.

KAERCHER, NESTOR ANDRÉ. **NO CAMINHO HÁ O CAMINHO: A ETERNA NOVIDADE DO MUNDO ACOTOVELANDO-SE DE PALAVRAS NA GRANDE PROCISSÃO DO DESTINO**. NO PRELO.

MARTINS, ÉLVIO. O SENTIDO DE LOCALIZAÇÃO E A CONSCIÊNCIA GEOGRÁFICA. IN: REGO, NELSON; KOZEL, SALETE (ORGANIZADORES);

AZEVEDO, ANA (COLABORADORA). NARRATIVAS, GEOGRAFIAS E CARTOGRAFIAS: PARA VIVER, É PRECISO ESPAÇO E TEMPO. PORTO ALEGRE: COMPASSO LUGAR-CULTURA, 2020.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE MANAUS (SEMED). UNIDADE ADMINISTRATIVA. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://ABRIR.LINK/YCB3R](https://abrir.link/yCB3R). ACESSO EM: 01 NOV. 2023.

TELES, GILMARA ARAÚJO. AS RELAÇÕES DE PODER NO PROCESSO DA ORGANIZAÇÃO SOCIOPOLÍTICA NA COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA. 2017. 107 F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO) - CURSO DE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA, INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, MANAUS, 2017.

UNIDADE DE SAÚDE FAMILIAR RURAL NOSSA SENHORA DE FÁTIMA. MINISTÉRIO DA SAÚDE. RELATÓRIO CONSOLIDADO DA SITUAÇÃO DO TERRITÓRIO, 2024.